

IV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais realizou, de 29 a 31 de outubro último, nas dependências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, seu IV Encontro Anual. Nesta oportunidade, reuniram-se os seguintes grupos de Trabalho: *Cultura Popular e Ideologia Política, Direito e Sociedade, Elites Políticas, Estado e Democracia, Estado e Estrutura Agrária, Movimento Operário e Sindicatos, Movimentos Sociais Urbanos,*

Mulher e Política, Mulher na Força de Trabalho, Organizações e Sociedade, Partidos e Eleições, Relações Internacionais e Política Externa, Religião e Sociedade no Brasil Contemporâneo, Sociologia da Cultura Brasileira e Temas e Problemas da População Negra no Brasil.

Abaixo, publicamos relatórios de atividades de alguns dos Grupos de Trabalho presentes na reunião:

Cultura Popular e Ideologia Política

O Grupo de Trabalho Cultura Popular e Ideologia Política iniciou suas atividades no III Encontro anual em Belo Horizonte, em 1979.

O objetivo principal deste encontro foi promover o debate interdisciplinar sobre o tema da ideologia política. Procuramos reunir antropólogos, cientistas políticos e sociólogos e os debates foram muito produtivos.

Procurando avaliar os resultados deste primeiro encontro, podemos indicar a direção principal de nossos esforços:

1. Recortar, de modo mais adequado, o conceito de ideologia reservando-lhe um uso mais preciso e menos extenso. O confronto entre as noções de ideologia e cultura aparecem especialmente nos trabalhos de Eunice Durham e Gilberto Velho, que serviram de pontos de apoio para esta discussão.

Como resultado desta explicitação conceitual tivemos uma nova perspectiva para incorporar aos trabalhos que apresentavam resultados de pesquisas de campo. Tais como os expostos por Ovídio de Abreu Filho, Luiz Fernando Dias Duarte, José Guilherme C. Magnani e Paula Monteiro ou Pierre Sanchis e ainda Teresa Caldeira.

2. Discutir as formas de estruturação e de transformação dos sistemas simbólicos. O inte-

resse comum das pesquisas apresentadas era analisar as relações entre o comportamento de grupos determinados e os sistemas culturais vigentes. Estabelecer a natureza desta conexão e seu dinamismo creio que foi a preocupação principal das nossas discussões.

Sem dúvida, as investigações apresentadas colocavam estes problemas em discussão, mas para segmentos sociais e sistemas simbólicos bem delimitados. Entretanto, caminhamos a partir daí para explicitar nossas dúvidas a respeito da relação entre prática social e sua representação. As exposições de Guillermo O'Donnell e Cecilia Galli, assim como as de Oscar Landi e Guíta G. Debert, tocaram diretamente nesta problemática.

Também os aspectos metodológicos das análises de sistemas simbólicos despertaram a atenção dos participantes. Por esta razão, nosso segundo encontro, realizado em 1980 no Rio de Janeiro, girou, especificamente sobre a questão das metodologias envolvidas nas análises de dados qualitativos.

A produção recente nas Ciências Sociais mostra que as técnicas de investigação ditas antropológicas ganharam grande difusão. Mas, se isto garante uma certa legitimidade para trabalhos antes vistos como marginais, também tem fundamentado um certo empirismo ingênuo.

A partir destas constatações, foram temas de nossas discussões:

1. O envolvimento do pesquisador com os grupos estudados e suas conseqüências para o conhecimento. As limitações da situação de observador participante foram debatidas, mas também o alcance desta técnica como uma via para a análise de sistemas simbólicos. Neste sentido, foram relevantes os trabalhos apresentados por Teresa Caldeira e José Guilherme C. Magnani.

2. As limitações e as novas propostas das análises de discursos. Guita G. Dehert apresentou um trabalho onde discute criticamente algumas das orientações já tentadas neste campo e José Augusto G. Albuquerque apresentou uma análise concreta onde procura interligar o resultado obtido a partir da reflexão sobre

um conjunto discursivo ao comportamento de um grupo político. Oscar Landi debateu estes trabalhos resumindo as questões metodológicas apresentadas.

3. Dois livros publicados por membros do grupo em 1980 foram debatidos, sempre privilegiando-se o aspecto metodológico. São eles: Gilberto Velho (ed.), *O Desafio da Cidade*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980, e Ruben George Oliven, *Urbanização e Mudança Social*, Petrópolis, Editora Vozes, 1980.

O interesse despertado por estes temas mostra sua importância e demonstra a vitalidade deste grupo de trabalho. Estas mesmas questões deverão ser retomadas ainda durante o ano de 1981.

Direito e Sociedade

O Grupo de Trabalho sobre Direito e Sociedade foi criado há pouco mais de um ano, e conta hoje com cerca de 40 membros. Trata-se de um Grupo eminentemente inter-disciplinar, que congrega antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, lingüistas, historiadores e advogados.

A primeira reunião oficial do Grupo foi realizada em outubro de 1979, durante o III Encontro Anual da Associação, quando apresentaram comunicações os colegas Joaquim Falcão, Nelson Eizirik, Roberto Mangabeira Unger, e José Eduardo Farja. A segunda reunião foi realizada em outubro de 1980, durante o IV Encontro Anual da Associação, quando foram apresentadas as seguintes comunicações: "Lingüística e Direito", por Luiz Alberto Warat; "Polí-

tica e Direito", por Boaventura de Souza Santos; "Bibliografia Seleccionada sobre Direito e Sociedade", por Mario Brockmann Machado; "Ações Judiciais no Campo", por Margarida Maria Moura; "Análise Semiológica do Discurso Docente nas Faculdades de Direito", por Helsa Antonia Pereira Cunha.

Até a sua mais recente reunião, o Grupo foi coordenado por Mario Brockmann Machado, do IUPERJ; a partir de agora, a coordenação ficará por conta de Joaquim Falcão, da Universidade Federal de Pernambuco, recentemente eleito para a Diretoria da Associação. As pessoas interessadas em participar das próximas atividades do Grupo deverão escrever ao seu coordenador, no seguinte endereço: Ladeira da Misericórdia, 86, Olinda, Pernambuco.

Elites Políticas

O Grupo de Trabalho sobre Elites Políticas reuniu pesquisadores de diferentes entidades – FGV (SP), FGV (Rio), Univ. Federal do Rio Grande do Sul, IUPERJ, Universidade Federal de Minas Gerais e Centro de Estudos Mineiros, Univ. Federal Fluminense – para discutir 3 temas fundamentais vinculados a projetos em curso:

1) *Elites Dirigentes e blocos de poder* – A primeira reunião teve como objetivo reavaliar a

formação histórica do empresariado e as articulações políticas que lhe permitiram inserir-se enquanto burguesia no poder. Os debates concentraram-se em torno do trabalho de René Dreyfus, "Estado, Classe e Elite Orgânica: a formação de uma nova ordem empresarial", que procura analisar a rearticulação dos grandes grupos econômicos com o Estado, com os militares e com a elite civil desde o governo Kubitschek até 1964. Maria Antonieta Parahyba Leopoldi, por sua vez, reconstituiu a história da FIESP e

dos setores empresariais que a ela se integraram procurando enfatizar os canais autônomos que se constituíram paralelamente, bem como sua eficácia própria (antes e depois de 1945), nas relações com o Estado.

2) *Métodos e abordagens teóricas* – Na 2.ª reunião, Sergio Miceli introduziu problemas metodológicos relacionados com as fontes primárias utilizadas na reconstituição do universo das elites políticas (memórias, bibliografias etc.) A relevância dos dados de tipo qualitativo foi acentuada como instrumento indispensável que dá coerência, inteligibilidade e “compreensão” (no sentido weberiano) às trajetórias políticas. O problema da “contaminação” das fontes foi também abordado, visto que são parte integrante na constituição da auto-imagem dessas mesmas elites, em uma dinâmica de descenso. Eli Diniz, aprofundando temática já desenvolvida em reunião anterior, procurou reelaborar, à luz da bibliografia existente, a definição de máquinas políticas e de partidos clientelísticos, a fim de melhor entender sua especificidade própria, bem como a importância destes mecanismos integrativos no processo de constituição das elites políticas. O fenômeno do “chaguismo” foi o pano de fundo do debate teórico desenvolvido.

3) *Trajelórias políticas, ideologias e Revolução de 1930* – Finalmente, na 3.ª reunião, re-

cuperou-se a discussão recentemente travada por ocasião dos debates sobre o cinquentenário da Revolução de 1930. Foram também apresentados os trabalhos sobre “A Trajetória de Francisco Campos”, (Norma Góes Monteiro), procurando recuperar as origens de sua ideologia centralizadora e autoritária, além de uma reconstituição do pensamento de Miguel Reale (Ricardo Benzaquen), em confronto com outras “versões” do integralismo (Gustavo Barroso e Plínio Salgado). Maria Cecília Spina Forjaz fez um balanço crítico dos estudos sobre o tenentismo, inserindo-os no contexto das interpretações macro-sociais que oscilaram do “economicismo” ao “politicismo” e procurando insistir sobre a importância da reconstituição histórica como elemento corretivo e complementar à teoria das organizações.

Em um balanço final das atividades anuais desenvolvidas, enfatizou-se a heterogeneidade dos temas e a diversidade de enfoques utilizados como decorrência natural do tema aglutinador do grupo de trabalho (as elites políticas). Ao mesmo tempo discutiu-se a proposta de preparação de um seminário sobre Elites Regionais e Processo Político, com a participação de pesquisadores vinculados aos diferentes Estados, e cujo objetivo seria integrar, sob uma perspectiva comparada, os diferentes modelos políticos regionais.

Estado e Agricultura

O último encontro realizado no Rio de Janeiro foi dedicado à análise da dinâmica do grupo – a sua especificidade e perspectiva. Particularmente, foi enfatizado a necessidade de caracterizar melhor os objetivos do grupo e suas diferenças em relação a outros grupos de trabalho, principalmente os ligados ao PIPSA.

O debate interno produziu um consenso em torno dos seguintes pontos:

- 1) existiriam espaços específicos para o grupo na medida em que ele se constitua como núcleo integrado por membros dispostos a participar com certa dedicação e baixo *turn-over* nos encontros;
- 2) que deveriam ser realizados pelo menos dois encontros durante os intervalos dos encontros anuais, de forma a consolidar o grupo e dar sentido de grupo de trabalho;

- 3) que estes encontros se realizariam tomando por ponto de partida trabalhos ou obras de autores – que não necessariamente têm que ser membros do grupo, mas que participariam do encontro;
- 4) que o próximo encontro deverá ser realizado no Rio durante os dias 12 e 13 de março, tendo como ponto de referência o livro de Bernardo Sorj, *Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira*, Zahar. Os participantes elaborariam anotações em torno do livro e Sorj se comprometeria a apresentar uma reflexão em torno da problemática de diferenciação social e processos políticos;
- 5) procurar estender o convite de participar do grupo a outros membros da Associação, com o compromisso de se integrar

aceitando as propostas mencionadas no item 1.

Pedimos, portanto, aos membros já ativos e futuros integrantes, que escrevam confirmando o interesse de participar do próximo encontro. Aqueles que moram fora do Rio e que têm dificuldades em adquirir passagens através

de suas instituições, favor informar com antecedência, pois estamos procurando apoio da Associação para financiar estes casos.

Bernardo Sorj
Depto. de Ciência Política da UFMG
Rua Carangola, 288, 3.º andar
30000 - Belo Horizonte - MG

Movimentos Sociais Urbanos

Após dois anos de tentativas e esforços, o Grupo de Trabalho de Movimento Sociais Urbanos chegou a uma definição mais precisa do seu campo de pesquisa e análise. Suscintamente pode-se dizer que o interesse dos pesquisadores que se aglutinaram neste Grupo está focado no esquema dos movimentos rurais que se originam a partir do conjunto de contradições que se formam no contexto urbano. Origem, desenvolvimento, efeitos sociais e políticos, organizações internas e ideologia são alguns dos pontos que têm polarizado a atenção dos pesquisadores que pertencem ao Grupo.

Na presente reunião, os participantes decidiram tentar um esforço de coordenação para se reunirem em julho próximo, durante a Reunião Anual da SBPC. Ademais, o Grupo manteve a realização da reunião anual em 1981, durante o V Encontro Nacional da Associação.

Decidiu, ainda, adotar um critério de rotatividade e rodízio entre instituições representadas para efeito do recrutamento do coordenador. Estavam presentes os seguintes centros: Cedec,

Iuperj, Ceru, Urplan, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais. Finalmente, o Grupo escolheu Lícia Valladares, do Iuperj, para substituir, na coordenação, a José Álvaro Moisés, do Cedec.

Os trabalhos apresentados pelo Grupo, coordenado por José Álvaro Moisés no IV Encontro Nacional da Associação são os seguintes:

"Protesto Urbano e Política: o Quebra-Quebra de 1947", de José Álvaro Moisés; "Quebra-Quebra na Construção Civil", de Lícia Valladares; "Movimentos Populares Urbanos; Participação e Democracia", de Pedro R. Jacobi e Edison Nunes; "Movimentos Sociais Urbanos Femininos: Anistia, Custo de Vida, Creches", de Eva Alterman Blay; "O Urbano, os Meios Coletivos de Consumo e os Movimentos Sociais Urbanos", de Maria da Glória M. Cohn; "Movimentos Sociais Urbanos: Algumas Considerações Gerais", de Carlos Nelson F. dos Santos, e "A Cruz e o Pecado do Serviço Social Brasileiro", de Pedro Castro.

Mulher na Força de Trabalho

O grupo "A Mulher na Força de Trabalho" reúne cerca de vinte pesquisadoras e pesquisadores ativos, e cerca de quarenta participantes ocasionais.

Durante os três anos sucessivos em que o grupo se reuniu (desde 1978) foram apresentados quarenta e sete trabalhos originais de pesquisa.

O temário das reuniões resulta de uma insatisfação com perspectivas que retratem o trabalho feminino como residual ou marginal, ou mesmo como uma mera reserva de força de trabalho, procurando dar conta da especificidade da inserção da mulher no aparato produtivo. A relação entre sexualidade e trabalho também tem constituído uma das principais preocupações do grupo. A análise da inserção da casa no

aparato produtivo, bem como das modalidades de trabalho exercidas neste contexto também foram objeto de várias contribuições.

As apresentações oferecidas no último encontro foram reunidas sob os temas: 1. A Mulher e o Estado; 2. Trabalho a Domicílio, Indústria Têxtil e de Confecções e 3. Pesquisas Nacionais por Amostra Domiciliar e a Mulher.

A relação dos trabalhos apresentados é a seguinte:

1. A Mulher de Formação Universitária em Algumas Empresas Estatais, Selene H. dos Santos;
2. Funcionária Pública: A Dona-de-Casa nas Repartições, Zahidé Machado Neto;
3. A Atuação do Estado e a Organização de Trabalho, Maria Valéria Junho Pena;
4. A Igreja e o Estado Novo: O Estatuto da Família, Simon Schwartzman;

5. Casa e Fábrica: A Organização Política da Mulher Trabalhadora, Ana Clara T. Ribeiro, Amélia Rosa Sá B. Teixeira, Filipina Chinelli;
6. A Mulher na Indústria de Confecção, Cheywa R. Spindel;
7. A Dupla Subordinação da Mulher: Análise de Depoimentos de Operárias Têxteis, Vera Maria C. Pereira;
8. Formas de Remuneração no Ramo de Confecções, Heitor M. Cauliraux;
9. A Mulher no Processo de Trabalho: Uma Fábrica Têxtil, Lílina Acero;
10. Operários Têxteis e de Confecções, Heleieth Saffioti;
11. A Família entre Funcionários Públicos de Baixa Renda, Arakcy Martins Rodrigues;
12. Avaliação das Contribuições das PNAD's e Censos para o Estudo da Mulher e da Força de Trabalho, Tereza Cristina Costa, Rosa Maria Ribeiro da Silva, Lucia Ribeiro de Souza;
13. O Trabalho da Mulher Brasileira nos Anos 70, Felicia R. Madeira e Maria Moraes;
14. Um Guia Exploratório para a Compreensão do Trabalho Feminino, Neuma Aguiar.

Um resumo dos trabalhos e das discussões foi elaborado com o formato de um relatório das atividades do grupo, no IV Encontro da Associação, realizado no Rio de Janeiro. Cópias poderão ser solicitadas através da Secretaria da Associação.

Relações Internacionais e Política Externa

O Grupo reuniu-se pela primeira vez durante o IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

A idéia da criação deste Grupo partiu de alguns pesquisadores na área do Rio de Janeiro, que há algum tempo vinham se reunindo informalmente, para refletir sobre problemas de natureza institucional e discutir questões substantivas de relações internacionais e política externa.

Para a realização do primeiro encontro do Grupo, enviamos uma carta convite a mais de 50 pesquisadores com interesse acadêmico na área. Desta forma, a primeira reunião contou com a participação de pesquisadores vinculados aos mais diversos centros de estudos do país.

Durante o encontro, três sessões foram dedicadas à apresentação e discussão dos seguintes trabalhos:

1) *Novos Condicionantes nas Relações Internacionais* – “O Novo Espaço dos Conflitos Regionais no Sistema Internacional”, Antonio Carlos Peixoto; “A Revolução Islâmica e a Crise do Oriente Médio”, Severino Bezerra, Márcia Barbosa e Manoel Barros da Mota; “Perspectivas Políticas sobre o Sudeste Asiático”, Manoel Sanchez, Fábio Gonçalves e Paulo Kramer; “Perspectivas sobre América Latina nos Anos Oitenta”, José Ribas Vieira.

2) *A Política Externa Brasileira em Perspectiva Histórica* – “O Parlamento e as Relações Exteriores (1826-1889)”, Amado Luiz Cervo; “A Temática Militar na Análise das Relações Internacionais do Brasil”, Manuel Domingos

Neto; “As Relações entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial (1938-1945)”, Tullo Vigevani.

3) *Tópicos em Política Externa* – “Brasil e o Comércio Internacional de Armas”, Clóvis Brigagão; “Impasses e Descaminhos da Política de Não Proliferação Nuclear”, Mônica Hirst; “Perspectivas de Desenvolvimento dos Conflitos Sociais na África Austral: Formulação de uma Hipótese, a Luta Anti-Appartheid”, Elimar Nascimento.

A quarta e última sessão foi dedicada ao planejamento das atividades do Grupo. Os participantes consideraram importante manter uma certa periodicidade de seus encontros, decidindo que, além do encontro anual da Associação, o Grupo se reuniria durante a reunião anual da SBPC. Concordou-se que seria prematuro a delimitação prévia de temas específicos de pesquisa, preferindo-se deixar que isto ocorra naturalmente, em função da dinâmica de trabalho do Grupo. Tal como ocorreu na preparação do primeiro encontro, os demais serão organizados em função dos interesses de pesquisa de seus participantes.

Os eventuais interessados em participar deste Grupo de Trabalho deverão entrar em contato com:

Maria Regina Soares de Lima
(Coordenadora do Grupo de Trabalho)
a/c Iuperj
Rua da Matriz, 82
22260 – Rio de Janeiro – RJ

Religião e Sociedade no Brasil Contemporâneo

No III Encontro da Associação Nacional realizado em outubro de 1979, em Belo Horizonte, rearticulou-se o Grupo "Religião e Sociedade no Brasil Contemporâneo", contando com a participação dos professores Anna Luiza Salles S. Ferreira (USP), Eduardo Diatay B. de Menezes (UFPe), José Guilherme C. Magnani (USP), Maria Isaura Pereira de Queiroz (USP), Paula Montro (UFMG), Pierre Sanchis (UFMG), Roberto Mauro C. Motta (UFPe) e Renato Ortiz (UFMG), sob a coordenação do prof. Lísias Nogueira Negrão (USP). Nesta mesma ocasião, decidiu-se pela proposição do tema "Religião e Poder" para o IV Encontro da Associação Nacional.

Através de contatos estabelecidos pelos professores Luiz Eduardo Wanderley (PUC/SP) e Rubem César Fernandes (Museu Nacional/RJ) e de cartas-convite enviadas pelo coordenador do Grupo a cerca de 50 pesquisadores de todo o Brasil, chegou-se à programação final que, em sua realização efetiva durante o IV Encontro, contou com as seguintes mesas-redondas, com os seguintes participantes e seus respectivos comunicados:

1) *Cultos Afro-brasileiros: Aspectos Políticos* – "Exu: Poder e Magia", Liana Maria S. Trindade (USP); "A Celebração do Poder: Um Ritual Umbandista", Patrícia Birman (Museu Nacional RJ); "Firmeza e Segurança num Terreiro de Santa Rita", Zélia Milanez de Lossio e Seiblitiz (PUCRJ) – Coordenação: Leni M. Silverstein (Museu Nacional RJ); "Sociedade Brasileira e Vozes d'África: O Poder Negro segundo Bastide e Ziegler", Roberto Mauro Cortez Motta (UFPe); "Ideologia Umbandista e Integralismo", Maria Helena Villas Boas Concone (PUCSP); "Repressão Oficial aos Cultos Afro-brasileiros no Rio de Janeiro de 1930 a 1960", Yvonne Maggie, Marcia de Vasconcelos Contins e Patricia Monte-Mór Alves de Moraes (Museu Nacional RJ); "A Festa de Nosso Senhor do Bonfim e a Liberação dos Candomblés da Bahia", Leni M. Silverstein (Museu Nacional RJ) – Coordenação: Lísias Nogueira Negrão (USP).

2) *João Paulo II no Brasil: Aspectos Sociológicos* – "O Ritual da Visita", Arno Vogel (Museu Nacional RJ); "O Papa em Aparecida do Norte", Daniel Waitzfelder (Museu Nacional RJ); "O Povo e o Papa em Belo Horizonte", Pierre Sanchis (UFMG); "João Paulo II na Favela do Vidigal", Grupo de alunos do Museu Nacional RJ – Coordenação: Rubem César Fernandes (Museu Nacional RJ) e Heloisa Helena T. de Souza Martins (USP).

3) *Relações Igreja-Estado* – "Política e Mercado Religioso", Renato Ortiz (UFMG); "Hierarquia e Mobilização Popular"; Rubem César Fernandes (Museu Nacional RJ); "Comunidades Eclesiais de Base em São Paulo", Beatriz Muniz de Souza (PUCSP) – Coordenação: Lísias Nogueira Negrão (USP). "Igreja e Movimento Operário: A Greve dos Metalúrgicos de São Bernardo em 1980", Heloisa Helena T. de Souza Martins (USP); "Problemas Teóricos das Relações entre Igreja e Estado na Crise de 1964", Paulo José Krischke (PUCSP); "Estado, Capitalismo e Igreja Católica", Cândido Prócio Ferreira de Camargo (PUCSP) – Coordenação: Lísias Nogueira Negrão (USP).

Excetuando-se o trabalho de Roberto Motta, que analisou a questão da memória negra, criticando metodológica e teoricamente as obras de Bastide e Ziegler, as demais apresentações das duas mesas-redondas iniciais, sobre os cultos afro-brasileiros, ativeram-se ao tema proposto – Religião e Poder.

A questão do poder foi abordada de um ponto de vista interno a estes cultos, seja no plano da mitologia, no trabalho de Liana Trindade sobre os Exus, seja no plano ritual, no trabalho de Patrícia Birman, ou ainda no plano da organização dos terreiros, como aparece no trabalho de Zélia Seiblitiz. Embora análises restritas a um plano empírico mais ou menos localizado, transbordam seus limites iniciais, relacionando o poder religioso ao poder mais amplo, tal como se estabelece ao nível da sociedade inclusiva.

Em todos estes comunicados, a análise das representações e da organização religiosa só ganha significado quando referida ao fenômeno social total, que as transcendem. Apesar disso, somente no primeiro deles se considera a questão da permanência de elementos da cultura africana, que são reinterpretados em função da situação social concreta vivida pelos agentes. Nos demais casos, a questão da memória negra não aparece ou, quando é mencionada, nega-se a sua existência.

Nos demais trabalhos sobre os cultos afro-brasileiros, especialmente no de Maria Helena Concone sobre as afinidades estruturais entre a ideologia oficial umbandista e o pensamento autoritário em geral e, especialmente, o integralismo, são as próprias relações no plano externo aos terreiros que são examinadas, no plano de suas conseqüências sobre o relacionamento Umbanda-Estado. As ambivalências entre repressão e legitimação dos terreiros no contexto carioca

(Yvonne Maggie e outros), baiano (Leni M. Silverstein), paulista e gaúcho (Maria Helena Concone) estão registradas em todos os comunicados.

Nas apresentações da 2.^a parte, relativa aos aspectos sociológicos da visita papal, foram abordados os aspectos rituais da visita (Arno Vogel) e as razões da frustração popular em Aparecida do Norte (Daniel Waitzfelder) e na favela do Vidigal (alunos do Museu Nacional) e do sucesso popular em Belo Horizonte (Pierre Sanchis). Este último comunicado demonstrou muito bem como os significados do discurso papal foram reinterpretados pela multidão, que redefinia suas referências à opressão e à liberdade, calcadas em parâmetros externos à realidade brasileira, à situação política interna do país. Caracterizou, ainda, como de liminaridade a situação social em Belo Horizonte, provocada pela presença de João Paulo II.

Como conclusão dos debates, emerge o consenso dos participantes de que a frase promocional da visita, largamente difundida pela imprensa – nada será como antes – não é de todo despida de fundamento, ao menos no que se refere às relações Igreja-Estado. A Igreja brasileira realmente saiu fortalecida do evento, com mais autoridade para, inclusive, dedicar-se a sua “opção preferencial pelos pobres”.

Nas duas mesas redondas seguintes, sobre as relações Igreja-Estado, o trabalho inicialmente apresentado por Renato Ortiz, Política e Mercado Religioso, caracteriza estas relações à partir de contexto teórico calcado em Peter Berger, Pierre Bourdieu e Gramsci, relativo ao caráter mercantil que as religiões assumem na sociedade contemporânea. Dentro desta perspectiva levanta objeções à possibilidade da Igreja manter-se em oposição ao Estado, em razão desta mesma oposição não se caracterizar propriamente contra o Estado, mas sim contra o Governo, e seria devida a motivos circunstanciais que a indispueram enquanto instituição com a política governamental – a lei de segurança nacional – conduzindo-a a procurar legitimação junto às classes populares.

Semelhantemente ao caso italiano estudado por Gramsci, em um contexto de democratização e constitucionalização, a Igreja tenderia a reaproximar-se das camadas dominantes. Os agentes preferenciais de cuja ação dependeria a evolução da Igreja seriam aqueles que se ligam à hierarquia e não os leigos pertencentes ou aliados às classes subalternas.

Transparecem nos demais comunicados nesta sessão, uma visão diferente do relacionamento Estado-Igreja e sua evolução. Rubem César Fernandes tentou demonstrar que, apesar

do caráter mercantil inegável assumido pelas religiões, os produtos e as agências religiosas têm mensagens e organizações sensivelmente diferenciadas, calcadas em tradições específicas. Assim, embora todas as burocracias, a Igreja Católica seria muito diferente das Igrejas Protestantes, sobretudo no trato com as dissidências, que tenta controlar internamente, comparativamente à crescente secularização daquelas.

A questão da mobilização popular, portanto, apresenta-se radicalmente oposta em um e outro caso, possibilitando o engajamento político da Igreja Católica ao lado dos subalternos, na prática e em termos estruturais, apesar do repúdio institucional à luta de classes.

Heloisa Helena T. de Souza Martins enfatizou também, em seu comunicado “Igreja e Movimento Operário”, a importância maior dos agentes leigos de pastoral, frente aos agentes institucionais, durante a greve de 1980 dos metalúrgicos do ABC. A Igreja, enquanto instituição, colocou o seu espaço físico e político a serviço do movimento operário, agindo como seu instrumento e representante. Mas foi o trabalho miúdo dos militantes cristãos junto às comunidades de base que possibilitou tal atuação da Igreja e que, também, muito contribuiu para a conscientização dos operários sobre a dimensão prática da fé e para a organização do movimento grevista e reivindicatório.

Em sua análise dos “Problemas Teóricos das Relações entre a Igreja e o Estado na Crise de 1964”, Paulo Krischke criticou inicialmente tanto a perspectiva marxista reducionista de abordagem dos fenômenos religiosos como a perspectiva idealista, que, ao contrário daquela, procura apresentar o religioso como infenso às contradições sociais. A seguir, a partir dos escritos de juventude de Marx, Gramsci, J. Habermas e E. Bloch, principalmente, propõe um marco alternativo para o estudo destas relações, demonstrando como a Igreja constitui espaço privilegiado para a combinação ou confrontação entre as classes no conjunto da sociedade, tendo funções políticas de mediação, ocultando, em primeiro lugar, a dominação, e promovendo, em segundo, o intercâmbio ideológico entre elas.

Se o engajamento da Igreja no projeto desenvolvimentista-populista, continuou Paulo Krischke, representou a legitimação do mesmo, favorecendo a ocultação das contradições, possibilitou também sua aproximação às camadas populares, tornando-a sensível à esperança revolucionária e solidária aos projetos utópicos tais como se apresentam hoje nas comunidades de base. Segmentos importantes da Igreja, hoje, orientam sua ação não pelos interesses imediatos internos à instituição, mas por objetivos de

finidos fora dela que são por ela assumidos e legitimados.

Finalmente, Cândido Procópio F. de Camargo, em seu trabalho "Igreja e Estado: O Caso Brasileiro", apresentou alguns pressupostos metodológicos e teóricos válidos para a análise das relações Igreja-Estado, ressaltando ainda que a

"opção preferencial pelos pobres", cria um antagonismo estrutural entre estas instituições, antagonismo este abrandado pela ambigüidade e diversidade da Igreja (mais diversificada e dividida que o Estado) e pela cautela do Estado diante dos possíveis efeitos impopulares do confronto com uma instituição dotada de vasto patrimônio ideológico e autoridade moral.

Sociologia da Cultura Brasileira

Antes de historiar as atividades do Grupo de Trabalho "Sociologia da Cultura Brasileira", no IV Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, efetuado no Rio de Janeiro nos dias 29, 30 e 31 de outubro de 1980, lembramos que, neste mesmo ano, o referido Grupo já se havia reunido por duas vezes:

- promoveu um Seminário sobre o tema "Cultura Brasileira?", em junho passado, na cidade de Ouro Preto, tendo sido amplamente debatidas as comunicações então apresentadas e que breve serão publicadas em volume;
- efetuou uma reunião exclusivamente de trabalho durante a realização da S.B.P.C., no Rio de Janeiro, em julho, a fim de examinar a viabilidade de um esquema que pudesse abarcar a grande variedade de temas em que se dispersam os interesses dos membros do Grupo.

O IV Encontro, em outubro, ofereceu assim não apenas a oportunidade para serem discutidas algumas comunicações, como também para debater o resumo do Seminário de Ouro Preto, efetuado pela Coordenadora, e para avançar um pouco mais no propósito de se construir um esquema em que possam se articular tanto os trabalhos já existentes, quanto outros futuros.

Todas as comunicações previstas foram apresentadas, nas datas anteriormente estipuladas, com duas pequenas modificações: os trabalhos de Olga von Simson, Sergio Miceli e Renato Ortiz apresentaram títulos diferentes daqueles que apareceram no programa - títulos mais condizentes com seu conteúdo, e que foram os seguintes:

- Prof.^a Olga R. de Moraes von Simson - Transformações culturais, criatividade popular e comunicações de massa: o carnaval brasileiro ao longo do tempo.

- Prof. Sergio Miceli - Notas para um projeto de pesquisa sobre a produção, a difusão e o consumo de bens culturais no Brasil de 1980.
- Prof. Renato Ortiz - Esboço de um esquema abrangente para os trabalhos de Sociologia da Cultura Brasileira.

Durante as discussões, encareceu-se a necessidade de encontros mais freqüentes do que os anuais, dado o excelente êxito do Seminário de Ouro Preto, não apenas em termos das comunicações e debates ali travados, mas sim, e principalmente, porque permite um aprofundamento muito maior de questões. Também ficou patente a eficácia de reuniões menores (como a de Ouro Preto) alternarem com reuniões maiores (como o IV Encontro do Rio de Janeiro). As primeiras permitem um aprofundamento muito grande da discussão, dado o pequeno número de participantes e a intensidade maior do trabalho. As reuniões maiores já oferecem ocasião para que os resultados e as questões das reuniões menores seja amplamente divulgados.

Ficou assentado, assim, um programa para o próximo ano de 1981, que em princípio constará de:

- uma reunião preliminar de Renato Ortiz, Sergio Miceli e a Coordenadora, ainda em 1980, se possível, a fim de se colocar em letra de forma e se delinear com maior precisão o esquema discutido durante o IV Encontro, para em seguida ser submetido aos membros do Grupo de Trabalho;
- uma reunião de tipo Seminário, provavelmente em S. Paulo, no 1.º semestre, para uma última demão no esquema e para examinar as primeiras comunicações sobre trabalhos que nele venham se incluir;
- ulteriores atividades, do tipo Mesas-Redondas, ou Simpósios, que possam ter lugar tanto no âmbito da S.B.P.C. quanto da VIII Reunião Nacional de Estudos

- Rurais e Urbanos (CERU, setembro), para apresentação de novos trabalhos;
- participação no V Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, com um programa que revele todas estas atividades anteriores do Grupo.

Acrescentamos ainda que as comunicações apresentadas ao IV Encontro serão publicadas no n.º 14 de *Cadernos*, como já foi feito anteriormente com as comunicações do III Encontro. Efetivamente, tais comunicações se encontram publicadas nos *Cadernos* n.º 13, de 1980, à disposição dos interessados no CERU, no endereço abaixo.

Esperando assim ter contribuído para o aprimoramento do IV Encontro, o Grupo de Tra-

balho de Sociologia da Cultura Brasileira, por meu intermédio, agradece o apoio e auxílio que vem recebendo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, e que certamente não lhe faltará nas demais atividades que está programando.

Os interessados em participar do Grupo de Trabalho sobre Sociologia da Cultura Brasileira poderão escrever para:

Maria Isaura P. de Queiroz
Centro de Estudos Rurais e Urbanos
FFLCH/USP
Caixa Postal, 8105
01000 - São Paulo - SP.

Temas e Problemas da População Negra no Brasil

Durante o IV Encontro Anual da ANPOCS reuniu-se pela primeira vez o Grupo de Trabalho sobre "Temas e Problemas da População Negra no Brasil", reunião organizada por Carlos A. Hasenbalg, do IUPERJ. Foram apresentados onze trabalhos, distribuídos em quatro sessões ao longo de três dias de reuniões e agrupados aproximadamente por área temática, sendo os seguintes os trabalhos apresentados:

- 1) "Cor e o Processo de Realização Sócio-Econômica", Nelson do Valle Silva; "O 'Lugar do Negro' na Força de Trabalho", Tereza Cristina N. A. Costa, Rosa Maria Porcaio e Lucia Elena G. de Oliveira.
- 2) "Comunidades Negras Rurais: Três Estudos de Caso", João Baptista Borges Pereira; "Comunidades Negras Rurais: Um Novo Campo de Estudos Monográficos", Romeu Sabará; "Quilombo e Memória Comunitária: Um Estudo de Caso", Maria Beatriz Nascimento.
- 3) "Black Soul: Aglutinação Espontânea ou Identidade Étnica", Carlos Benedito Rodrigues da Silva; "Kashapura e Mafambura: Na Encruzilhada da Identidade", Peter Fry, Carlos Vogt e

Amarrazio Gnerre; "Xangô e Estratégias de Sobrevivência", Roberto Motta.

- 4) "Perspectivas de uma Conscientização da Situação do Negro pelo Negro no Brasil", Teóphilo de Queiroz Junior; "Articulações do Racismo e do Sexismo: O Caso da Mulher Negra Brasileira", Lelia Gonzales; "As Lutas e a Abolição da Escravatura na Historiografia Nacional", Sylvio José Barreto da Rocha Ferreira.

Foi realizada também uma sessão de planejamento das atividades do grupo em que ficou decidido que a coordenação permaneceria por mais um ano a cargo de Carlos Hasenbalg. As pessoas interessadas em participar do grupo de trabalho sobre "Temas e Problemas da População Negra no Brasil" devem contactar seu coordenador no seguinte endereço:

Carlos Hasenbalg
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
Rua da Matriz, 82, Botafogo
Rio de Janeiro - RJ